

volume

15

Dezembro / 2009  
ISSN 1516-2095

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

*para casamentos, baptizava casamentos, bapti-  
sados e baptizados. É o único depositário da  
única Guarana Espumante  
te e do excelente chocolate  
Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zo-  
notta, Loureiro & Cia.  
A Confeitaria Brasil  
fazia doces, bolos e biscoitos.  
Casa de primeira ordem  
especialidades em doces  
para casamentos, bapti-  
sados e baptizados. É  
única depositária da  
única Guarana Espumante  
te e do excelente chocolate  
Laeta, fabricados em  
S. Paulo pelos Srs. Zo-  
notta, Loureiro & Cia.  
A Confeitaria Brasil*





**Obra publicada pela  
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar  
Gonçalves Borges  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz  
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani  
Gonçalves Ávila  
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.  
Manoel de Souza Maia  
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes  
Luzzardi  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.  
Élio Paulo Zonta  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta  
Trierweiler  
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso  
Amaral  
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social  
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento  
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes  
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

**CONSELHO EDITORIAL**

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof.  
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera  
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

*Diretor:* Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira  
*Vice-Diretor:* Prof. Dr. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**

*Coordenadora:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

*Membros do NDH:*

Prof. Dr. Adhemar Lourenço da Silva Jr.

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Elisabete Leal

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezát

*Técnicos Administrativos:*

- Paulo Luiz Crizel Koschier

- Ivoni Fuentes Motta

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezát

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)  
Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editora:* Profa. Dra. Beatriz Ana Loner  
*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

**Editora e Gráfica Universitária**

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |  
Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

**Impresso no Brasil**

*Edição:* 2009

ISSN – 1516-2095

*Tiragem:* 300 exemplares

**Dados de catalogação na fonte:**

Ayde Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de  
Ciências Humanas. Universidade Federal de  
Pelotas. v.15, (dez. 2009). – Pelotas: Editora  
da UFPel, 2009.  
1v.

Atual  
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

IMAGEM DA CAPA: Engenho São Gonçalo,  
posteriormente Frigorífico ANGLÓ (atual Reitoria da  
UFPel) – Álbum de Pelotas de 1922.

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

Fone/Fax: (53) 3278-6765

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

*e-mail:* ndh@ufpel.edu.br

**ENTRE CARMESIM E CARMESIM:  
A MEMÓRIA, O ESQUECIMENTO E A ESCRITA DA INFÂNCIA  
RITMANDO A PESQUISA E SUAS IM-POSSIBILIDADES**

BETWEEN CRIMSON AND CRIMSON: THE MEMORY, THE OBLIVION AND  
THE WRITING OF THE CHILDHOOD PERFORMING THE RHYTHM OF THE  
RESEARCH AND HIS IMPOSSIBILITIES

Denise Marcos Bussoletti<sup>1</sup>

*Entre carmesim e carmesim  
bárbaro, estremecem  
a memória e a sua palavra.  
Herberto Helder<sup>2</sup>*

---

**Resumo:** Este artigo aborda a escrita de pesquisa, especificamente uma proposta de escrita da infância, compreendendo a infância enquanto alegoria e enquanto crítica da cultura. Discute propondo uma interlocução entre a Psicologia, a Educação e a História na busca de um tratamento ético-estético de questões humanas complexas. Elege o holocausto e suas representações como um espaço de enfrentamento dos abusos da memória, o desejo de libertação e suas im-possibilidades de escrita. Focaliza as “Crianças de Terezin”, mais especificamente os poemas escritos pelas crianças que viveram e morreram no Gueto de Terezin, cidade situada a 60 KM de Praga, durante a 2ª Guerra Mundial. Considerando os caminhos da memória como trauma e como rastro, aponta a escrita testemunho das crianças de Terezin como uma possibilidade de Outrar através da escrita pretendida, em que pesem nossas certezas e escritas adultecidas.

**Palavras-chave:** infância, memória e escrita de pesquisa

---

“Entre carmesim e carmesim, bárbaro, estremecem a memória e a sua palavra”<sup>3</sup>, diz o poeta epigrafado. Acatando essa pista e associando o vermelho (muito vivo) com a memória, busca-se nesse texto encontrar alguns elementos que possibilitem discutir a escrita de pesquisa<sup>4</sup>, especificamente a escrita da

---

<sup>1</sup> Profa. Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação da UFPel. E-mail: denisebussoletti@gmail.com

<sup>2</sup> HELDER, H. *Ou o Poema Contínuo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

<sup>3</sup> IDEM, p. 477.

<sup>4</sup> Nesse texto, acato a formulação utilizada por Marília Amorim onde a “escrita de pesquisa” é concebida como uma prática através da qual a escrita e o conhecimento  
*História em Revista, Pelotas, 69-87, v. 15, dez./2009*

infância, nas interlocuções entre a Psicologia a Educação e a História. Uma escrita carmesim, vermelha, é a pretendida, onde todo cuidado é pelo método e pelo receio diante do espaço geometrizarante que um texto acadêmico por vezes possui, empalidecendo temas tão caros. Trata-se assim de um exercício de abordagem da escrita de pesquisa entre áreas de um necessário diálogo, como a Psicologia, a Educação e a História, relacionando algumas indagações teórico-metodológicas e utilizando como contraponto os fragmentos poéticos escritos pelas crianças que viveram e morreram no gueto de Terezin, situado a 60 km de Praga, durante a segunda guerra mundial.

Método, como sugere Walter Benjamin, é *caminho indireto, é desvio*, lugar onde o pensamento percorre o seu percurso, como re-começo como volta incessante às coisas. Uma aventura cujo embate é contra toda e qualquer possibilidade que rejeite a fluidez do pensamento e do seu sinuoso trajeto. Desviantes manobras, por certo, e ainda se, e pelo método, acredita-se que aparentemente o trajeto reto pode até ser (não necessariamente) o mais curto, porém, nem sempre, é o que garante a pesquisa e ao conhecimento, o seu caráter de descoberta. Reconheça-se que uma ousadia é necessária aos que fazem esses percursos indiretos. Escolhas rebeldes? Talvez... Mas escolhas epistemo-metodológicas, que tentam ou teimam em demonstrar horizontes inscritos na necessidade de um puro acontecer. Questões e práticas que se já muito discutidas, pensadas e elaboradas pelas Ciências Humanas, artes, literatura e poesia, quando retomadas aqui, se inserem no reconhecimento da atualidade e da necessidade de seu constante (re) questionamento, fazendo da pesquisa e de sua escrita um exercício afirmativo de uma profunda crença na vida humana, livre de resoluções pretensamente definitivas ou de formulações conceituais julgadas acabadas ou teoricamente domesticadas.

Esta escrita, vermelha e indireta, busca conferir uma atenção específica à possibilidade de recuperação da dimensão ética do olhar, aliada à necessidade urgente de reconstruções de novas bases para outras estéticas da existência. Considera, portanto, a infância como uma alegoria e a linguagem como “ponto de partida e desvio” para um tratamento de questões humanas e sociais complexas. Uma dupla função assim é problematizada pela escrita da infância por entre a Psicologia, a educação e a História: por um lado, assume a centralidade da “linguagem” como espaço de enfrentamento de temas atuais e delicados, e por outro elege a “infância” como um lugar crítico de discussão da

---

acontecem no diálogo vivido em campo e na relação com o outro do pesquisador. Nesta dinâmica busca incorporar novas vozes e transformar os sentidos. AMORIM M. *O Pesquisador e Seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Musa, 2001.

cultura na contemporaneidade<sup>5</sup>. Recorre-se assim, a procura de uma perspectiva ética e estética de escrita de pesquisa, que pela infância reforcem o compromisso de pressentir o que sendo infinitamente Outro nessa vida, é tão Eu, ou meu... Busca que curva-se ao peso da pergunta: E o resto? O resto... Eu penso que sei: é a implícita tragédia humana. A minha? A sua? A nossa? Ou... Talvez... a palavra... Só...

### Entre a luta e o luto: os abusos da Memória e o desejo de libertação

Pelos silêncios que a vida nega, a memória tem sido uma das questões mais atuais nos estudos acadêmicos. Tamanho interesse, não deveria ser separado da preocupação com aquilo que Todorov<sup>6</sup> denunciou e que considera como um dos abusos da memória, a saber, toda uma celebração demorada do passado em prejuízo do presente e do que esse presente exige de ação e intervenção efetiva.

Esse é o primeiro sinal que anuncia as dificuldades de uma escrita de pesquisa no território da memória – as fronteiras entre passado e futuro, as armadilhas da celebração em detrimento da ação. Explorando os limites das fronteiras dessa escrita, Adorno e a célebre pergunta “O que significa elaborar o passado?”<sup>7</sup>. Passado, por Adorno compreendido não como uma consciência clara, desprovida de qualquer encanto que a esse passado se justifique, mas fundamentalmente o passado como um desejo de libertação.

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam (ADORNO, 1995, p. 29)<sup>8</sup>.

O nazismo, enquanto fantasma ou enquanto disposição ao indizível reatualiza esse desejo de libertação. O holocausto<sup>9</sup> sobrevive em nossos dias,

---

<sup>5</sup> SOUZA, S. *Infância e Linguagem*: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 1997.

<sup>6</sup> TODOROV, T. *Les Abus de la Mémoire*. Paris: Arlea, 1995.

<sup>7</sup> ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 29.

<sup>8</sup> IDEM

<sup>9</sup> A palavra **holocausto** em grego antigo significa – ὀλόκαυστον (ὅλον [todo] + καυστον [queimado]), todo queimado. Buscando suas origens na Antiguidade, existem referências a esta palavra associadas a sacrifícios em rituais religiosos, onde animais ou pessoas eram queimados como oferenda a divindades. Essas práticas costumavam ser noturnas para encobrir a cremação dos corpos, nesse caso associada

bem como a representação deste acontecimento, cujo horror foi sem precedentes, ao longo da história da humanidade, sua escrita pode ser, portanto, um lugar oportuno de localização dos dilemas na escrita da memória.

Retomando as palavras iniciais do poeta, questiona-se: como fazer para que a memória e a sua palavra, estremeçam, ou, ainda, como fazer para que a memória e a sua palavra, “entre carmesim e carmesim”, sigam no caminho inverso ao de uma celebração retida e demorada de um passado em prol de um presente de ações e intervenções efetivas? Por quais caminhos, se é que é possível, elaborar pela escrita da memória, esse passado?

Gagnebin<sup>10</sup> reafirma a importância de não sucumbir às sacralizações da memória (ressaltando o gesto iluminista de Adorno denunciador dos limites do esclarecimento). Lembrar o passado, não significa, pois, tomar essa lembrança como uma queixa (entre réus e juízes do esclarecimento). A culpabilidade, não sendo o que garante a elaboração do passado, é uma lembrança que não pode ser reduzida a um culto, ou a uma solenidade específica, mas talvez aquilo que possibilite resgatar o sentido de uma lembrança, que possa assim ser esclarecedora e sirva de instrumento para também, por sua vez, também ou talvez desobscurecer o presente. Não significa, portanto, lembrar sempre de Auschwitz, mas fazer com que algo próximo ou semelhante nunca mais se repita entre nós.

Assim, se por um lado a holocausto é um único e singular acontecimento, por outro, diferentes acontecimentos, porém semelhantes no que tangem ao terror e a crueldade, fazem parte da memória; genocídios e aniquilamentos perfilam e continuam aumentando a lista da barbárie, daquilo que consideramos atualidade, inalienáveis, pois, do que se caracteriza como outra face da mesma cruel e terrível história.

---

à palavra holocausto. Somente a partir do século XIX que a palavra holocausto passou a significar grandes catástrofes e massacres, sendo que após a segunda guerra mundial, o termo assume a inicial maiúscula, **Holocausto** e passa a designar o extermínio de milhões de judeus e outros grupos sociais indesejáveis às políticas nazistas: entre esses: comunistas, homossexuais, ciganos, pacientes psiquiátricos, etc... A palavra *Shoá* (השואה), ou também escrita como: *Shoah*, *Sho'ah* e *Shoa*, traduzida por *calamidade*, é mais utilizada por muitos judeus e por outros grupos que compreendem alguma inadequação quando associa-se a palavra Holocausto em sua tradução literal, sugerindo que os judeus foram oferecidos como uma forma crematória de sacrifício a Deus. Utilizam, portanto, a palavra *Shoá* para referir-se ao extermínio referido.

<sup>10</sup> GAGNEBIN, J M. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006

Dizendo isso, reconhece-se o pré-caminho da escrita de pesquisa carmesim anunciada, o desejo de libertação, destituído de sacralizações e abusos, porém nunca da responsabilidade e da necessidade de uma escrita que ao lembrar, luta. Escrever é assim, também lutar, uma luta, travada parte pelo combate e parte pela entrega, ou seja, pela constatação do trabalho de luto diante das perdas. Lutamos também porque reconhecemos que algo foi perdido e que a busca de uma não sacralização, poderia ser, também uma possibilidade de revitalizar um sentido do passado pela escrita. Escrever, pela História ou pela Psicologia, poderia ser aproximado de uma perspectiva que invertendo a grafia, revigorar os sentidos, interessa assim, aprender a Perder como exercício de escrita, deixando de lado os endeusamentos da memória e abandonando os cacoetes das palavras que se organizam no raso.

### **Outrar: escrita e trauma**

Para melhor ver a face carmesim, vermelha e sangrenta da memória, parece necessário assim....OUTRAR<sup>11</sup>. Fernando Pessoa cria um verbo para isso: Outrar. Outrar é pelo poeta, um destino de ser real. Tomamos de empréstimo assim o verbo Outrar das “viagens de outramento” em Pessoa<sup>12</sup> pois muito já sabemos acerca do quanto Fernando Pessoa foi um dos poetas decisivos para a literatura da humanidade, o que talvez não saibamos, é o quanto a poesia e a literatura são ainda pouco utilizadas pela Psicologia, pela Educação e pela História, ou fundamentalmente o quanto poderíamos ainda pensar através destas. Principalmente se o objetivo é o de uma escrita de pesquisa, que estabeleça um elo com o reconhecimento da reciprocidade. A alteridade radical que descolonizando representações redutoras, busque traçar um outro contorno, um contorno Outro para a escrita de pesquisa.

Outrando perspectivas, parece necessário re-ver o Holocausto, como um processo fundamentalmente de autocensura, não só contra os referidos “abusos da memória”, como também contra a humanidade que foi perdida, no limite possível de sua recuperabilidade. Para tanto seria necessário aproximar

---

<sup>11</sup> Essa categoria foi utilizada e desenvolvida em minha tese de doutorado: BUSSOLETTI, Denise. *Infâncias Monotônicas* - Uma rapsódia da Esperança – Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. 2007. 395f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>12</sup> AZEVEDO, A. *Fernando Pessoa: Outramento e heteronímia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

“o rumor das distâncias atravessadas” como diria Proust<sup>13</sup> – ou seja, buscar um tratamento do Holocausto não como uma questão só de judeus, ou da história judaica, mas como um problema nascido e executado pela “nossa sociedade moderna e racional”.

O Holocausto foi de fato uma *tragédia judaica*. Embora os judeus não tenham sido a única população submetida a “tratamento especial” pelo regime nazista (seis milhões de judeus estavam entre as mais de 20 milhões de pessoas aniquiladas a mando de Hitler), só os judeus foram marcados para o extermínio, a destruição total, e não tinham lugar reservado na Nova Ordem que Hitler pretendia instaurar. Mesmo assim, o Holocausto não foi simplesmente um *problema judeu* nem fato da *história judaica* apenas. *O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura.* A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida<sup>14</sup>.

Acreditamos que não se retira o espinho da memória adotando-se posturas que confinem o Holocausto num espaço e tempo delimitados, tão longínquos quanto inalcançáveis, nem muito menos encontrando culpabilidades que legitimem a oposição nós/eles, ou a saída maniqueísta que separa os do bem de um lado, e os do mal de outro, como num velho conto de fadas. Retirar o espinho da memória é assumir que o Holocausto não foi só uma grande ferida de nossa patológica civilização, como também é um produto dessa civilização. Pois em que pesem as estantes recobertas de estudos, acredita-se que muito da consciência das dimensões dessa temática ainda permanecem na superfície, e aprofundar essa consciência é uma necessidade para que todos possam (quem sabe?) elaborar as lições do Holocausto “na corrente da Modernidade e do processo civilizador”.

O Holocausto foi um choque único entre as velhas tensões que a modernidade ignorou, negligenciou ou não conseguiu resolver e os poderosos instrumentos de ação racional e efetiva que o próprio desenvolvimento moderno fez surgir. Mesmo que seu choque tenha sido único e exigisse uma rara combinação de circunstâncias, os fatores que se reuniram nesse encontro eram, e ainda são onipresentes e “normais”. Não se fez o suficiente depois do Holocausto para sondar o potencial medonho desses fatores e menos ainda para impedir seus efeitos potencialmente aterradores. Creio que muito mais pode ser feito – e certamente deve ser feito – nos dois sentidos<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> PROUST, M. *No Caminho de Swamm: À sombra das moças em flor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

<sup>14</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 12.

<sup>15</sup> IDEM, p. 17.



Depois de Auschwitz nem o passado, nem o presente podem ser os mesmos. Depois de Auschwitz é a própria condição humana que é colocada em causa. O que é um homem? A pergunta uma vez feita coloca em foco o trauma. Gagnebin, analisando as “metáforas-fundadoras de nossa concepção de memória e de lembrança” do estudo de Assmann <sup>16</sup>.

O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito. Ora, depois das duas Guerras Mundiais e, sobretudo depois da Shoah, a temática do trauma torna-se predominante na reflexão sobre a memória. Ao que parece, as feridas dos sobreviventes continuam abertas, não podem ser curadas nem por encantações nem por narrativas. A ferida não cicatrizada e o viajante, quando por sorte, consegue voltar para algo como uma “pátria, não encontra palavras, para narrar nem ouvintes dispostos a escutá-lo”<sup>17</sup>.

Como parte das gerações pós-holocausto, vivemos nesse dilema - memória/esquecimento. Pela necessidade de elaboração, a escrita, particularmente a escrita literária conhecida como “escrita de testemunho”, é uma das formas de acesso à necessidade desta elaboração. Nesta perspectiva, vale ressaltar, Primo Levi, italiano, judeu, deportado para Auschwitz em 1944 como um, entre os três judeus que sobreviveram num total dos 650 que foram deportados com ele. Tinha 24 anos quando foi para o campo de concentração de Auschwitz, e ao ler a inscrição no portão “O Trabalho Libertal”, logo compreendeu que havia chegado ao inferno, associando ao inferno de Dante, os versos que acompanharam seu “calvário”. Fazendo uso desses versos, para o título do primeiro livro que escreveu sobre o vivido, *Considerate se questo è un uomo*, Primo Levi re-lança a pergunta: É isto um homem? Na introdução do livro, um poema que Primo Levi como parte das lembranças das quais o livro é produto e parte integrante dos seus registros minuciosos e preciosos do inferno dantescammente romanceado.

É ISTO UM HOMEM?

Vocês que vivem seguros  
em suas cálidas casas,  
vocês que, voltando à noite,  
encontram comida quente e rostos amigos,  
pensem bem se isto é um homem  
que trabalha no meio do barro,  
que não conhece a paz,  
que luta por um pedaço de pão,  
que morre por um sim ou por um não,

<sup>16</sup> ASSMANN, A. *Erinnerungsräume, Formen und Waldlunen des Kulturellen Gedächtnises*. Munique: Beck, 1999.

<sup>17</sup> GAGNEBIN, Op. Cit., p. 110.

Pensem bem se isto é uma mulher,  
 sem cabelos e sem nome,  
 sem mais força para lembrar,  
 vazio os olhos, frio o vente,  
 como um sapo no inverno.  
 Pensem que isto aconteceu:  
 eu lhes mando estas palavras,  
 Gravem-na em seus corações,  
 Estando em casa, andando na rua, ao deitar, ao levantar;  
 Repitam-nas a seus filhos.  
 Ou, senão, desmorne-se a sua casa,  
 a doença, os torne inválidos,  
 os seus filhos virem o rosto para não vê-los.<sup>18</sup>

### Pela escrita e pelos rastros...

“Habitar significa deixar rastros”, diz Walter Benjamin<sup>19</sup>. Rastrear essa hora é reconhecer, mais uma vez, a fragilidade e o efêmero da escrita, especificamente de outra metáfora mnemônica da escrita que é traço ou rastro, enquanto memória e enquanto registro.

Este conceito de rastro nos conduz à problemática, brevemente evocada da memória. Notemos primeiro que o rastro na tradição filosófica e psicológica foi sempre uma dessas noções preciosas e complexas – para não dizer, em boa (?) lógica cartesiana, obscuras – que procuram manter juntas a presença do ausente e a ausência do presente. Seja sobre tabletes de cera ou sobre uma “lousa mágica” – essas metáforas privilegiadas da alma -, o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente.<sup>20</sup>

Lembrando, escrevendo, e buscando o não esquecimento, reafirma-se um Outro lugar por onde a escrita de pesquisa pode transcorrer: entre o rastro, a memória, a escrita e a consciência de sua fragilidade, a tarefa da escrita carmesim é de luta contra o esquecimento e resiste contra ao aniquilamento dos rastros. A escrita pode ser concebida assim, como uma tarefa ética e política. Um trabalho de luto, de rememoração e de busca da transformação do presente. Um esquecimento que se dá na relação entre o pensamento e a palavra como uma lacuna essencial e necessária.

Entre a memória e o esquecimento. Escrever não significa assim, uma recuperação de algo já esquecido, escrever é a própria procura. Tentando

<sup>18</sup> LEVI, P. *É Isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 9.

<sup>19</sup> BENJAMIN, W. *Passagens* – Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

<sup>20</sup> GAGNEBIN, Op. Cit., p. 44.

alguma tradução, dessa perspectiva, e na busca desse gesto que a escrita suscita também quando ordena e reordena palavras, surge a “Caixa das Letras” utilizada por Benjamin, cuja longa citação merece o devido destaque – passamos para a “Caixa de Letras”, então...

É impossível revermos completamente algo já esquecido. E talvez seja bom assim. O choque da requisição do passado seria de tal maneira arrasador que, nesse momento, deixaria-nos forçosamente de compreender a nossa saudade. Deste modo, compreendêmo-la, e quanto mais profundamente jazer em nós o esquecido, tanto melhor. Tal como a palavra esquecida, ainda há pouco sobre os lábios, libertaria a língua para vãos demostécnicos, o esquecido parece conter em si o peso de todo o vívido que nos é prometido. O que o torna tão pesado e carregado, talvez não seja outra coisa senão os vestígios de hábitos desaparecidos, nos quais já não nos saberíamos orientar. Provavelmente o segredo que os faz sobreviver consista na sua mistura com a poeira de nossas construções desmoronadas. Seja como for – para todos nós há coisas que desencadeiam hábitos mais duradouros do que todas as outras. Essas possibilitaram o desenvolvimento de capacidades que se tornariam determinantes para a existência de cada um. E, já que essas foram, para mim, a leitura e a escrita, não há nada que me desperte mais saudade do que a caixa das letras. Eram pequenas peças com as letras isoladas do alfabeto gótico que as fazia parecer mais jovens e mais femininas do que os caracteres impressos. Acomodavam-se elegantemente nas calhas inclinadas, cada qual acabada em si e interligavam em seqüência segundo as regras de sua ordem – a palavra – à qual pertenciam como irmãs. Admirava-me como tamanha modéstia se podia associar à tamanha magnificência. Era um estado de graça. E a minha mão direita que aplicadamente se esforçava para o alcançar, não o conseguia. Tinha de esperar lá fora, como o porteiro que deixa entrar os eleitos. A sua relação com as letras estava marcada pela renúncia. A saudade que ela desperta em mim é a prova de como foi parte integrante da minha infância. O que, na verdade, procuro nessa relação é ela própria: toda a infância, tal como contida no gosto de enfiar as letras na calha onde se iriam ordenar em palavras. A mão ainda pode sonhar com esse gesto, mas nunca mais poderá acordar para o concretizar de fato. Assim, posso sonhar como uma vez aprendi a andar. Mas isso de nada me adianta. Hoje sei andar, aprender a andar é que já não sei.<sup>21</sup>

Pela Caixa de Letras benjaminiana, o análogo reconhecimento. Urge também lembrar, porém não sendo possível lembrar completamente, urge fazer da lembrança uma possibilidade de compreender as necessidades, o peso do esquecido, vasculhado e abandonado por entre a poeira de nossas construções desmoronadas. Um retorno possível a uma infância, onde a escrita se fez ao gesto da mão.

### **Escrever tendo a infância como pátria**

A infância em relação a quem a nomeia ou estuda esbarra quase que

---

<sup>21</sup> BENJAMIN, W. *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900*. Lisboa: Relógio D'água, 1992, p. 152-153.

inevitavelmente na primeira trama que a palavra sugere. Tanto a palavra infante como infância<sup>22</sup>, em sua origem latina, situam-se num campo semântico que se aproxima dessa ideia de ausência de fala, o infante, portanto, aquele que não fala. O prefixo “in” da palavra in-fância remete a um lugar de ausência originária da linguagem. Como mais dizer desse lugar de ausência? Qual a experiência de in-fância que através dessa perspectiva pode ser apreendida?

É a in-fância a experiência transcendental da diferença entre língua e fala, a abrir pela primeira vez à história o seu espaço. Por isso, Babel, ou seja, a saída da pura língua edênica e o ingresso no balbuciar da infância (quando dizem-nos os linguístas, a criança forma os fonemas de todas as línguas do mundo), é a origem transcendental da história. Experimentar significa necessariamente, neste sentido, reentrar na infância como pátria transcendental da história. O mistério que a infância instituiu para o homem pode de fato ser solucionado somente na história, assim como a experiência, enquanto infância e pátria do homem, é algo de onde ele desde sempre se encontra no ato de cair na linguagem e na palavra. Por isso a história não pode ser o progresso contínuo da humanidade falante ao longo do tempo linear, mas é, na sua essência, intervalo, descontinuidade, *epoché*. Aquilo que tem na infância a sua pátria originária, rumo à infância e através da infância, deve manter-se em viagem<sup>23</sup>.

A “infância como pátria transcendental da história”, uma revirada na perspectiva: a pátria é a infância e a escrita pela infância prossegue só e através da viagem. Por onde a escrita da infância pode nos conduzir? Para um alguém das palavras, é uma possível resposta, não como um lugar paradisíaco, mas porque este é o convite que a infância como viagem fundamentalmente propicia, uma incursão pelo inefável.

Seguindo, no entanto, a viagem pelos caminhos da Filosofia e da História é possível compreender o quanto as representações da infância são construções históricas, culturais e socialmente erguidas. Um destaque especial como um dos pioneiros sobre as representações e práticas infantis é o francês Philippe Áries, que em 1948 lançou um primeiro estudo, com um capítulo inteiramente dedicado à infância e à família, intitulado: *História das populações francesas e de suas atitudes face à vida desde o século XVII*; em 1960 lançou o clássico, *A criança e a família no Antigo Regime*. Duas teses revolucionárias estavam contidas neste livro: uma primeira tese dizia que a escolarização, que se deu na Europa em torno do século XVI, sob a incumbência de padres (católicos e protestantes) educadores, provocou profundas transformações em oposição à educação medieval; uma nova formação moral e espiritual da criança surgiu em

<sup>22</sup> A palavra infância, vem do latim *infantia,ae* pode significar tanto não falar, como aquilo que é novo, uma novidade; do latim *infans,ántis*, o que não fala, criança.

<sup>23</sup> AGAMBEM, G. *Infância e História: destruição a experiência da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, p. 64-65.

detrimento de um aprendizado anteriormente técnico. O que a Idade Moderna fez foi gestar a criança como motor da história. Paralelo a isso, a família foi também transformada, instalando-se a vida em sua esfera privada. Apesar de algumas críticas, que versavam sobre certo conteúdo evolucionista na perspectiva apontada por Áries, suas teses instigaram muito a produção historiográfica brasileira. Em busca de suas próprias respostas, no entanto, os historiadores brasileiros consideravam a realidade específica de um cenário completamente distinto do Europeu. Em primeiro lugar, ressaltavam o aspecto de que o processo de escolarização no Brasil chegou com grande atraso. O Brasil, um país colonial, de tardia industrialização, não exigia uma adequação física e mental das pessoas, e acabou por implementar tardiamente os instrumentos característicos do cenário europeu. Sobre isso afirma Del Priore:

Desde o início da colonização, as escolas jesuítas eram poucas e, sobretudo para poucos. O ensino público só foi instalado e mesmo assim de forma precária, durante o governo do marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII. No século XIX, a alternativa para os filhos dos pobres não seria a educação, mas sua transformação em cidadãos úteis e enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares. No final do século XIX, o trabalho infantil continua sendo visto pelas camadas subalternas como “a melhor escola”. “O trabalho [explica uma mãe pobre] é uma distração para a criança. Se não estiverem trabalhando, vão inventar moda, fazer o que não presta. A criança deve trabalhar cedo”. E pior, afogados hoje pelo trabalho. No nordeste quase 60% desses pequenos trabalhadores são analfabetos e entre eles a taxa de evasão escolar chega a 24%. No Sul do país o cenário não é muito diferente. Trabalhando em lavouras domésticas ou na monocultura, as crianças interrompem seus estudos na época da colheita, demonstrando que estar inscrito numa escola primária, não significa poder frequentá-la plenamente. Assim, o trabalho, como forma de complementação salarial para famílias pobres ou miseráveis, sempre foi priorizado em detrimento da formação escolar <sup>24</sup>.

Assim como Del Priore compreende-se que a historiografia internacional pode servir como uma “inspiração”, mas nunca como uma bússola. Não se pretende aqui, é claro, através dessa breve referência historicizar a relação colonial, e a alteridade implícita nesse complexo processo. No entanto, salienta-se o importante e necessário movimento de tentativa de “descolonização da infância”, conforme sugeria o termo de Gérard Mendel, já nos anos sessenta pela Pedagogia.

A intenção é somente reafirmar a importância de uma descolonização das representações da infância, no sentido de construir possibilidades de identificação da infância como um Outro, nos caminhos que reforçam a hipótese de Amorim de que um “retorno incessante” a relação colonial pode

---

<sup>24</sup> DEL PRIORE, M. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 10-11.

ser compreendido como um sintoma típico das Ciências Humanas, onde ocorre uma “falha” justamente naquilo que pode ser compreendido como essencial para caracterizar o que a humanidade possui em comum, ou seja, o “reconhecimento recíproco”. Para Amorim, é através da conquista da América que ocorre a institucionalização da pergunta: “É o outro humano?”<sup>25</sup>. Para nós, é através dessa pergunta e da alteridade através dela em perspectiva que podemos edificar as bases para a escrita de pesquisa, pela infância e através da história apreendida.

### **Escrita... Testemunho... Perguntas... Respostas... Com a palavra - as Crianças de Terezin!**

Tendo a escrita como testemunho, escrever pode ser, e aqui se assume como uma opção por manter a ferida aberta no coração da palavra. Assim, insistindo na necessidade de descolonização de representações, retomamos a pergunta de Levi: É isto um homem? E Num “imaginado diálogo”, por entre fragmentos da pesquisa<sup>26</sup>, construímos um encontro desta pergunta com outras tantas perguntas. Especificamente, com as perguntas e uma resposta de uma das crianças que viveu e morreu no gueto de Terezin.

Preguntas y una respuesta

¿Para qué sirve a la gente la hermosa ciencia?  
 ¿ Para qué sirve la belleza de las mujeres?  
 ¿ Para qué sirve el mundo, cuando no existe el derecho?  
 ¿Para qué existe el sol, cuando no hay día?  
 ¿Para qué existe Dios? ¿Acaso para castigar?  
 ¿O para que la gente sea mejor?  
 ¿Es qué somos meramente bestias que sufren  
 para que se pudra adentro el yugo de la pasión?  
 ¿ Para qué sirve la vida, si es un tormento?  
 ¿Por qué el mundo es solamente una muralla?  
 Si hijo, las cosas son como son  
 Para que tú seas un hombre. ¡Y luches!

<sup>25</sup> AMORIM, M. *O Pesquisador e Seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Musa, 2001, p. 40.

<sup>26</sup> BUSSOLETTI, D. *Op. Cit.*

Hachenburg, Hanus (12/7/1929 | 10-12/7/1944) <sup>27</sup>

Seguindo os labirintos<sup>28</sup> da história, para fins ilustrativos, parece interessante observar a contraposição de duas cidades escritas: uma real(?) e outra realisticamente(?) pelas crianças de Terezín, e pela infância que resistia através dela, re-apresentada. Terezín, a cidade real, cujos habitantes foram através da Solução Final condenados à morte, é assim descrita por aqueles incumbidos de narrar sua história.

Terezín, fue en los años de la guerra una ciudad de hambre y de miedo. Lejos de allí, en algún lugar de Berlín, hombres uniformados se reunieron y decidieron exterminar a todos los judíos de Europa. Estaban acostumbrados a hacerlo todo con calculadora y fría pasión homicida y así trazaron los planes, designaron países, lugares, términos y también paradas en el camino hacia la muerte. Una de estas paradas era Terezín, que debía ser una parada modelo adonde podrían llevar a los extranjeros para mostrársela y que fue llamada ghetto. Primero llevaron a Terezín a los judíos de bohemia y Moravia, y después de toda Europa. Y desde allí eran transportados al Este, a las cámaras de gas y a los hornos[...]<sup>29</sup>.

Sabemos que em 1941, fazendo parte da estratégia conhecida como a “Solução Final”, Theresienstadt, Terezín, uma pequena cidade situada a 60 km de Praga foi transformada num campo de concentração. Um campo paraíso? Um campo modelo? Um campo utilizado pela propaganda nazista para vender ao mundo o benevolente tratamento dado por Hitler nos guetos. Um campo onde a imagem era bem diferente da propaganda. Para Terezín foram deportados, artistas, intelectuais, nomes que o mundo conhecia além dos judeus, artistas, homossexuais, presos políticos. Todos com o mesmo fim planejado, o extermínio. Das 15.000 crianças que entraram no gueto de Terezín, 100 retornaram vivas. No entanto, a Terezín, em palavras de criança assume uma Outra/mesma escrita assim tornada visível:

Terezín

Esta mugre em lãs súcias paredes,  
Alambradas a todo alrededor,  
Y 30 000 almas que duermen  
Que alguna vez despertarán

<sup>27</sup> Data de seu nascimento e a data atribuída a sua morte no gueto de Terezín. CATÁLOGO DO MUSEU JUDAICO DE PRAGA. *No He Visto Mariposas Por Aquí*. Tiskana Flora, 1996.

<sup>28</sup> “O labirinto é a pátria de quem hesita. O itinerário daquele que teme chegar ao fim desenhará facilmente um labirinto” BENJAMIN, W. In: MATOS, O. *Os Arcanos do Inteiramente Outro*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 80.

<sup>29</sup> WEIL, J. In: CATÁLOGO DO MUSEU JUDAICO DE PRAGA. *No he visto mariposas por aquí. Museo Judío de Praga*. Tiskana Flora, 1996, p. 9.

Y verán su propia sangre derramada  
 ...  
 Estas 30 000 almas que duermen allá  
 Entre los árboles despertarán,  
 Abrirán sus ojos  
 Y como verán muchas cosas  
 se dormirán de nuevo

Hachenburg, Hanus.<sup>30</sup>

Apesar das datas de nascimento e morte, abaixo do poema, revelarem o limite imposto as suas vidas, as crianças em Terezín, conta Weil, viam tudo o que os adultos viam, mas para além, também o que os adultos não queriam ver: “a beleza por trás das portas da cidade”.

[...] verdes prados y colinas azuladas la cinta de la carretera perdiéndose en la distancia con su señal imaginaria indicando “Praga”, los animales, pájaros, mariposas, - todo estaba al otro lado de las murallas y podían verlo desde lejos, desde las ventanas del cuartel y desde las vallas fortificadas adonde algunas veces le dejaban ir. Veían, además cosas que los adultos no podían ver – princesas con diademas de diamantes, brujas y magos malvados, payasos y escarabajos con caras humanas, el país de la felicidad donde la entrada costaba 1 corona, y donde había de todo – pasteles, dulces, un cerdito trinchado con un tenedor, ríos de leche y limonada. Veían también sus habitaciones de antaño, con cortinas en las ventanas y el gato con su platito de leche[...]<sup>31</sup>

A concepção da história como um labirinto e da cidade labiríntica nesse “lugar de passagem”<sup>32</sup>, que foi Terezín, resgata a viagem da criança no sentido contrário ao da morte. Reafirmando a tese de que a história pode adquirir um sentido maior nos momentos de agonia e morte, e que o que aparece como verdadeira lembrança tem sua fonte nesses instantes de perigo, podemos talvez compreender que contra a repetição somente mesmo o “princípio-esperança. Ou ainda, em palavras benjaminianas, a tarefa dessa escrita da infância pela história: “(...) Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (...)” O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também

<sup>30</sup> CATÁLOGO DO MUSEU JUDAICO DE PRAGA. *Op. Cit.*

<sup>31</sup> WEIL, J. *Op. Cit.*, p. 10.

<sup>32</sup> “No fenômeno da passagem confluem muitas definições benjaminianas, ou melhor, reflexões, imagens, aforismos. Ela é o lugar de síntese entre o interior e a rua, o espaço privado e o público, ou pseudo-síntese, lugar de proteção e de abandono, subterrâneo e superficial, moradia da coletividade e pseudomoradia, expressão eloqüente da organização, micro modelo da cidade e do mundo, labirinto, cosmos e caos, espaço mítico”. (BOLLE, W. In: MATOS, *Op. Cit.*, p. 81)



os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer<sup>33</sup>.

A criança faz da ruína, uma esperança. Numa cidade em que a morte era um fim anunciado, eis pelas crianças, expressões do “princípio-espereança”.

ALGÚN DÍA

Algún día, algún día llegará  
 Algún día aparecerá el consuelo  
 Algún día florecerá la esperanza  
 Algún día se aliviarán las penas  
 Algún día se romperá el cántaro de lágrimas  
 Algún día se le dirá a la muerte “Ya calla”.

Al fin vendrá un verdadero amanecer  
 El agua se convertirá en vivo  
 Algún día dejaremos de llorar  
 Algún día se curarán nuestras heridas  
 Algún día José, algún día  
 Dios quitará las cadenas de esclavitud.

Algún día herodes, loco de miedo  
 Morirá  
 Y David el pastor  
 En púrpura real llegará  
 El que una vez sufrió  
 El odio y la crueldad del Rey Saúl.

Algún día terminarán las penas,  
 Esta vivencia triste  
 Algún día llegará el salvador  
 Con todo su poder  
 Algún día, si Dios lo quiere  
 Seremos llevados a Canaán.

Algún día florecerá el áloe  
 La palma dará sus frutos  
 Algún día cesará la opresión  
 Terminará nuestra miseria  
 Algún día entraremos en la casa de Dios  
 Y todas estas cosas serán realidad.

Ivo Katz. 11/4/1932 | 18/12/1943

<sup>33</sup> BENJAMIN, W. Sobre o Conceito de História. In: Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

**ALGUM DIA... O FINÍCIO e a Luta... Uma resposta?**

Entre a memória e o esquecimento, retornamos ao título, tornado começo deste texto. Todo o caminho até então pretendeu conduzir a possibilidade de reafirmarmos que as re-representações da escrita de pesquisa pela infância, através dos diálogos possíveis entre Psicologia, Educação e História, podem ser melhor apreendidas, no espaço circunscrito ao que pela palavra de criança são tidos como pura expressão.

Palavra de criança que suscita uma perspectiva fluida, de obra inacabada. Pedindo e sugerindo o complemento, em cada vez que é lido ou vivido por outro leitor, ou pela mesma leitora-escritora, que lendo e escrevendo, retorna ao começo, e a cada novo passo, por vezes até falso passo, pelas páginas, retoma a primeira página de uma mesma e infinita linha. Perguntamos assim: não seriam esses destinos também possíveis para uma Outra escrita da História? Outra como princípio, não parece também útil no sentido de descolonizar as representações de infância dominantes na Psicologia e na Educação?

Sem querer com uma resposta cessar a riqueza que pode ser esse debate, encontramos algumas pistas no tratamento deste universo interrogativo quando alliamos as palavras das crianças de Terezin com uma outra palavra dita por um menino, em situação diversa de pesquisa. Tal menino diante da impossibilidade de expressar sua intenção que era de fazer retornar ao começo uma história que lhe havia sido contada e chegava ao fim, reuniu duas palavras numa e proferiu: Volta de novo ao FINÍCIO? O fim e o início em movimento contínuo, novamente a “pura expressão”. O “finício” referia-se assim a tudo aquilo que chegando ao fim era exigido por ele como retornável a outro, e outro, sempre renovado, começo. Atitude tipicamente infantil, porém não menos infinita que faz pensar o quanto o fim e o começo em palavras de criança aproximam-se.

No “finício” – a continuidade do enigma, na criança alegorista<sup>34</sup>, o

---

<sup>34</sup> A criança alegorista na perspectiva benjaminiana é aquela que, diferente do poeta e como o velho não esquece. “Cada lembrança é um fragmento, já que a história *contínua* é uma ilusão. Este fragmento é a cristalização instantânea no devir da infância; é um microcosmo que contém em miniatura, não apenas seu destino posterior, mas, sobretudo a promessa utópica de homens melhores, de um mundo feliz, no qual o homem, a natureza e as coisas, liberadas da “corvéia de serem úteis” viveriam reconciliadas sem a marca da reconciliação. A memória determina o olhar da criança - alegorista a fim de revisitar essa outra figura do passado” [...] (Matos, *Op. Cit.*, p. 89).

ritmo anunciado de uma proposta de escrita que se reivindica pelo testemunho - viva. Lembrar Terezin pelas palavras de criança é sugerir entre as tantas as certas e martelantes perguntas feitas na busca de alguma resposta: Para que serve a ciência? Para que serve a vida se é um tormento? Por que o mundo é somente uma muralha?

Perguntas e respostas, que se repetidas, fazem do fim um renovado começo. Numa repetição infinita e necessária, para além da palavra, ou "além do princípio do prazer" por Freud analisado nessa origem da compulsão pela repetição, o mais uma vez, em eterno retorno.

[...] A novidade é sempre a condição do deleite, mas as crianças nunca se cansam de pedir a um adulto que repita um jogo que lhe ensinou ou que com elas jogou, até ele ficar exausto demais para prosseguir. E se contarmos a uma criança uma linda história ela insistirá em ouvi-la repetidas vezes, de preferência a escutar uma nova, e sem remorsos estipulará que a repetição seja idêntica, corrigindo quaisquer alterações de que narrador tenha a culpa, embora na realidade, estas possam ter sido efetuadas na esperança de obter uma nova aprovação. Nada disso contradiz o princípio do prazer: a repetição de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer<sup>35</sup>.

A palavra de criança "fínicio" revela o "tempo-lugar" em que a escrita de pesquisa "entre perguntas e respostas" pode "algum dia" ser perspectivada, esse inacabado lugar onde os tempos (passado, presente e futuro) entrecruzam-se, não só atualizando os conceitos de origem e ruína benjaminianos<sup>36</sup>, como buscando essa Outra escrita, que de uma forma própria re-signifique a palavra pesquisa.

Existem "ritmos primordiais", que ao se manifestarem, desde suas formas mais simples, permitem com que nos tornemos "senhores de nós mesmos", conforme anunciava Benjamin, a lei da repetição, como a alma do jogo, a felicidade expressa pelo "mais uma vez, de uma criança. Repetição e retorno, restabelecimento da situação primeira, citando Goethe, assim sobre isso mais se refere,

---

<sup>35</sup> FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer*. In: Obras Psicológicas Completas. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 46.

<sup>36</sup> Origem para Benjamin não significa gênese, origem é fluxo que não faz parte do mundo dos fatos e cujo ritmo revela-se como uma visão dupla: é tanto restauração-produção como também é algo de incompleto e inacabado. Também ruína não significa fim, o conceito carrega a ambigüidade de ao designar o que foi destruído, apontar para a reconstrução possível a partir dos escombros. Um duplo sentido, portanto cabe no conceito de ruína em Benjamin, recapitulação do sofrimento e emancipação, memória da injustiça como lugar de resistência e luta.

*Tudo à perfeição talvez se aplainasse  
Se uma segunda chance nos restasse.*

A criança age segundo esta pequena sentença de Goethe, para ela, porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes. Não se trata apenas de um caminho para assenhorar-se de terríveis experiências primordiais mediante o embotamento, conjuro malicioso ou paródia, mas também de saborear, sempre de novo e de maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias. O adulto, ao narrar uma experiência, alivia seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si o fato vivido, começa mais uma vez do início<sup>37</sup>.

No início de algum dia a essência da brincadeira nessa perspectiva não é um “fazer como se”, mas sim “um fazer sempre de novo”.

O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho de brincadeira. Formas petrificadas e irreconhecíveis e nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis o que são os hábitos. E mesmo o pedante mais insípido brinca, sem o saber, de maneira pueril, não infantil, brinca ao máximo quando é pedante ao máximo. Acontece apenas que ele não se lembra de suas brincadeiras; somente para ele uma obra como essa permaneceria muda. Mas quando um poeta moderno diz que para cada um existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro submerge, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos?<sup>38</sup>.

O mais uma vez, que a infância em palavra e em imagem suplica, revigora os sentidos e recupera a possibilidade de questionar: não poderia ser a experiência de escrita, próxima das aspirações, de grandes poetas, cúmplices no reivindicado mundo novo que faz da ação, também pela memória, “irmã do sonho”?

Se o pensamento é “recomeço perpétuo” e é através do seu “ritmo intermitente” que ele elabora as novas e mesmas ideias. O movimento próprio do pensamento é esta intermitência do ritmo, essa repetição. É a questão da apresentação que inscreve a filosofia no que Benjamin denomina de “esfera da verdade visada pela linguagem”... Ritmo que permeia a memória e o esquecimento em palavras.

Lembrando que o início de algum dia pode ser o que permita trazer o futuro para o lado de cá, talvez sendo assim um sentido para expandir pelas infâncias, novas possibilidades para a nossa escrita - adulta - de pesquisa. Pelo início de algum dia sugere-se a única resposta como renovada descoberta

<sup>37</sup> BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002, p. 101.

<sup>38</sup> IDEM, p. 102.

para a escrita de pesquisa que pode e deve ser um lugar de resistência. Um lugar carmesim. Um lugar por onde se permitam estremecer a memória e suas palavras. Será isso?

Pelos caminhos da pura expressão somos convidados então a compreender que a escrita de pesquisa em História, Educação e Psicologia pode inserir-se nesse esforço pela pluralização de sentidos. Escrever e pesquisar são ações que podem produzir um contraste tenso e harmônico, tais como a escrita poética através das palavras de criança nos instigam e possibilitam. Talvez em última análise Outrar pela escrita de pesquisa seja também isso: um exercício de humildade e reconhecimento, que pelas linhas e entrelinhas busca dizer ou mostrar a solidariedade com os que através de Bauman também perguntam: “Não é verdade que, quando se diz tudo sobre os principais temas da vida humana, as coisas mais importantes continuam por dizer?”<sup>39</sup>.

Entre carmesim e carmesim, pontuaremos aqui com as reticências devidas, reafirmando pela grafia, a ideia primeira onde a pesquisa e sua tentativa de escrita, pela memória e pelo esquecimento são tarefas da ordem do inacabado... No mais das vezes caracterizam-se só, como mais uma tentativa... Nesse intento de que pela escrita e pelas infâncias consigamos fazer estremecer... Nossa luta... Nosso luto... Nosso trauma... Nosso rastro... Nossas palavras? Quem dera... Fimícios de algum dia...

---

**Abstract:** This article approach the writing of research, specifically a proposal of writing of the childhood, understanding the childhood while allegory and while criticism of the culture. It talks proposing an interlocution between the Psychology, the Education and the History in the search of an aesthetic-ethical treatment of human complex questions. It elects the holocaust and his representations like a space to facing the memory abuses, the wish of liberate and his impossibilities of writing. It focuses the “Terezin Children”, more specifically the poems written by the children who lived and died in the Ghetto of Terezin, city situated to 60 KM of Prague, during the 2nd World war. Considering the ways of the memory like trauma and like trace, it points to the testimonial writing of the children of Terezin like a possibility of Outrar through the pretended writing, in which they weigh our certainties and adulthood writings.

**Key words:** childhood, memory, research writings

---

e-mail: denisebussoletti@gmail.com

Artigo recebido em abril de 2009

Aprovado em setembro de 2009

---

<sup>39</sup> BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004, p. 16.